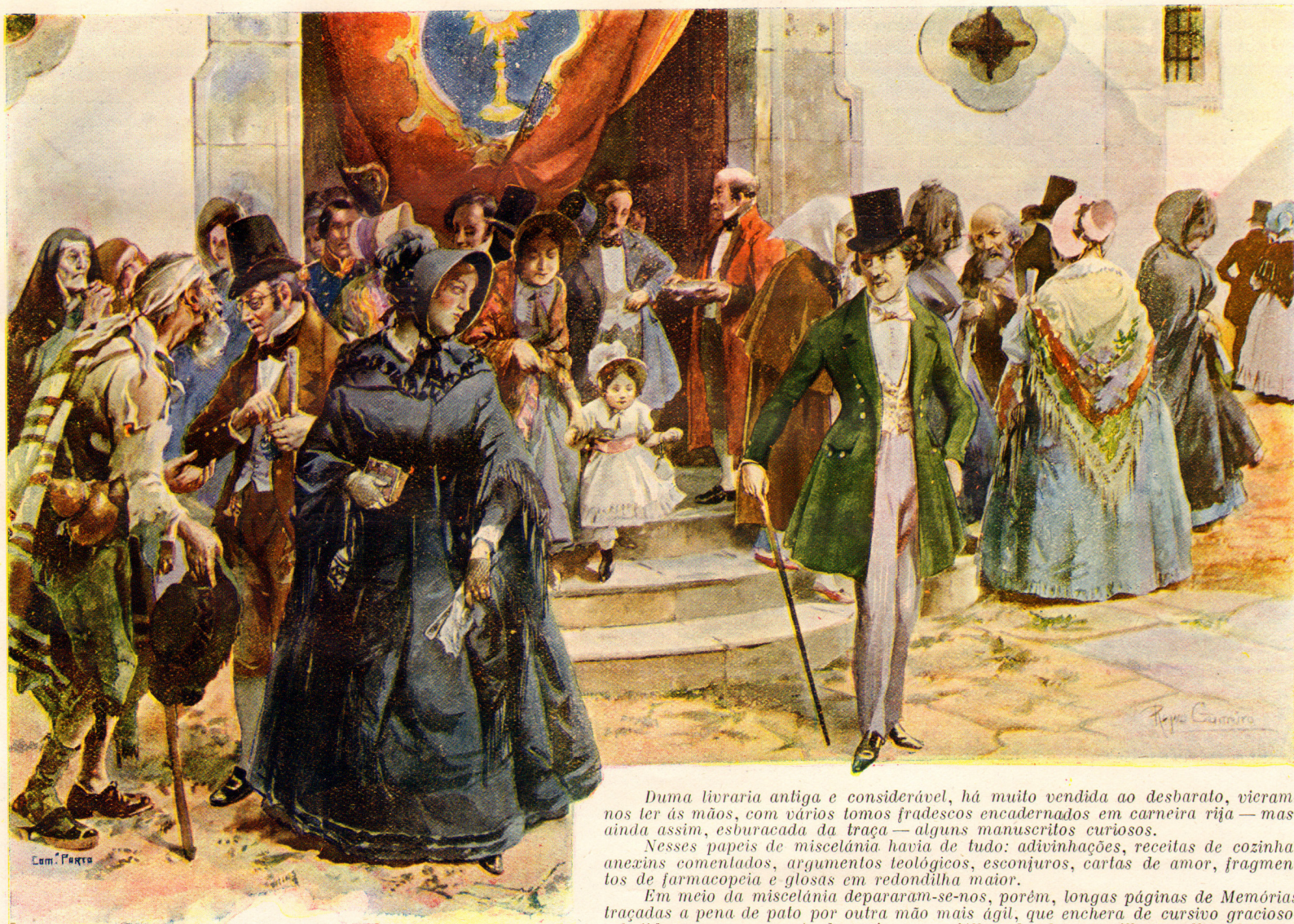


MEMÓRIAS DUM AMOROSO



Duma livreria antiga e considerável, há muito vendida ao desbarato, vieram-nos ler às mãos, com vários tomos fradescos encadernados em carneira rija — mas, ainda assim, esburacada da traça — alguns manuscritos curiosos.

Nesses papeis de miscelânea havia de tudo: adivinhações, receitas de cozinha, anecdotas comentadas, argumentos teológicos, esconjuros, cartas de amor, fragmentos de farmacopeia e glórias em redondilha maior.

Em meio da miscelânea depararam-se-nos, porém, longas páginas de Memórias traçadas a pena de pato por outra mão mais ágil, que enchera de cursivo gracioso, esbatido agora numa cor de sepia, essas folhas de almageo velho e retho. Um grafólogo veria em certos signaes da escrita que havia no autor imaginação irrequieta, e certa doçura amorosa nas letras de curvas doces.

E' uma pequena parte dessas notas que reproduzimos, por nos parecerem, de certo modo, publicáveis.

Os meus amores com Rosina começaram numa tarde de Semana Santa, quando ela saía da igreja, de ouvir pregar o sermão do Encontro a seu tio João Bernardo, pregador régio e grande latinista.

Vinha de preto, e os cabelos reluziam-lhe como lume da aurora, que era o lume da sua mocidade a romper aquelas trevas que a envolviam. Seus olhos eram dum azul-ferrete muito doce, e a sua estatura, sem ser alta, muito esbelta e delicada; no rosto oval, com o calor que fazia no templo e com o abalo do sermão memorável, o palor acendera-se, como se as faces fossem de rosas de todo o anno.

Nós já nos conhecíamos de leve, mas nunca jamais havíamos trocado olhares de amor; foi, como digo, nessa tarde merencória e longinqua que nos sorrímos, que enleadamente nos fitámos, e que para sempre nos prendemos. Os nossos amores começaram como os de Petrarca e Laura, os de Camões e Natércia; e eu que sempre sacrifiquei a Apolo, muito embora em versos toscos e humildes, tive, confesso-o, um deleitoso desvanecimento: Rosina seria a minha inspiradora, formosa como Laura, com os cabelos, como os dela, anelados e loiros. Que de sonetos e de canções eu lhe fiz! Mas frouxos de metro e de arte, pecos de elocução castiça, o que reconheci depois, quando me convenci de que não nasci para Petrarca. (Notem que cheguei a reconhecê-lo muito cedo, o que já não é pouco neste mundo de vaidades!)

O pai de Rosina era desembargador, môço fidalgo, e além disso onzenheiro, a ponto que se cuscuvilhavam anedotas, onde a cobiça vergava os ditames da Justiça, e um dos pratos da balança descia a pêso de ouro. Daí, talvez calúnias, malquerenças... Era homem solene, de dizer castigado, embora afável; muito guloso de doces de ovos; e contava-se que havia jornadeado em Citera, sendo-lhe a ilha propícia.

A's vezes dava partidas em casa, e eu consegui ser apresentado (que não alcançarão os verdadeiros namorados!) e lá me encontrei uma noite, com o coração doido de todo, ao pé de Rosina. Havia um piano de mesa. Ah! a primeira vez que dancei com Rosina, e que a estreitei ao meu peito! Mas para que avivar essa ventura tamanha, se quasi todos os que amaram a sentiram, e os outros não a podem avaliar? João Bernardo, que era homem de sala, cantou uma modinha nostálgica, que elle transformou, como

fazia sempre aos sermões, numa tempestade trovejante. Também dançou o solo inglês um morgado velho, de perna rija e lesta como a de Leónidas; e quando vieram as bandejas com bolos e se serviu o chá em chicharas da India, o desembargador, que jogava o voltarete, levantou-se com os parceiros, e o serão foi-se convertendo num certame poético. Era em Dezembro, e chovia se Deus a dava.

Entre as donzelas e os rapazes, um crúzio, D. Jerónimo, róseo como um leitão, saudoso do seu claustro perdido, chuchurreava cálices de velho Porto, justificando-se com o aforismo: *Sine Baccho friget Venus*. Os velhos sorriam-se; os novos não sabiam latim. E D. Jerónimo ia dizendo adivinhas imaginosas, e com as mãos papudas representava sombras nas paredes, aves, peixes, coelhos, — e um frade a confessar uma freira, que dava gosto ver-se.

Rosina, brincando e rindo, olhava-me à sorrelfa com tal brandura, que a chicara tremia-me na mão, e as fronhas de ovos, que vinham do convento, me pareciam amargas, em vista da doçura dos seus olhos. As mulheres! As mulheres!...

O desembargador aproximara-se de mim, paternalmente pousou-me a mão no ombro, e mastigando toucinho do céu falou-me no meu pobre tio Chantre, que Deus tenha em sua santa guarda. Havia-o conhecido: — «Que humanista! Que engenho!»

Convém saber que meu tio era de costela nobre, e que me havia deixado tudo o que possuía. Alma generosa e saudosa!

Sem embargo, a pequena herança dava-me apenas para uma vida recolhida e morigerada — «para as berças», como elle proprio me dissera pouco antes de morrer. E eu vivia de pouco, que de pouco vivem quasi sempre os poetas.

Grazinando com as amigas, Rosina banhava-me, de quando em quando, não seu olhar furtivo. Percebi claramente que a alegrava o colóquio do pai comigo; até parecia que os seus crespos bandós de ouro resplandeciam mais, á luz das serpentinas de prata. Já repararam que os cabelos de certas mulheres dizem o que lhes vai no coração? Já repararam?

— Vamos aos motes! exclamou o desembargador.

Todos se sentaram, para o «outeiro» improvisado. Numa bandeja de prata vieram maravilhosas «sardinhas» de doce, semelhantes a sardi-

nhas da caravela, o mimo mais delicioso que ainda houve, que as freiras faziam de encomenda, e em que ninguém tocava — sabem porquê? — porque seriam os prémios para os vates consagrados.

— Já me constou que sacrificava a Febo, caro Venâncio! — disse-me o desembargador risonho. Pois tem de entrar na liça!

Eu fiquei um pouco atarantado. Sorri-me, com um sorriso quasi tão amarelo como as sardinhas de ovos. Os meus versos, uns até com acrósticos reveladores, em que o meu nome e o de Rosina se enlaçavam, seriam do conhecimento do magistrado? Olhei de soslaio para Rosina, e vi-a mais corada, ou talvez me parecesse; linda e rosada era ela, pois ninguém teve um nome que lhe ficasse tão bem.

O primeiro mote foi de João Bernardo: — «Não durmo, que amor me obriga». Glosaram-no o desembargador e o morgado que dansava o solo inglês, — e foi este que saboreou a primeira «sardinha», que a mãe de Rosina lhe ofereceu, entre os aplausos da assembleia.

Uma bâtega bravia fustigava as janelas, e o repentista vitorioso, voltando-se para a morgada, lançou o novo mote: — «Chove a potes, ó menina!»

— A êle, caro Venâncio! — impôs-me o magistrado.

As raparigas gorgearam, como lindas aves de plumagens claras; animavam os vates com sorrisos.

Devo confessar que a minha situação era melindrosa; mas a voz de Rosina, como um acorde de cifara, segredou-me que improvisasse — e eu senti, mais uma vez, que o amor tudo pode. A seguir a João Bernardo, que tinha errado quatro versos na décima, bati palmas e recitei:

Não posso sair de casa.
Anda-me á roda a cabeça.
Porque tinha muita pressa
De lhe ir arrastar a asa...
Se jogo, não faço vaza.
O baralho não atina;
Mas em vão Léia me empraça
A ir, mesmo de caleça;
Eu é que não caio nessa,
Chove a potes, ó menina!

Ao silêncio recolhido que precedera a glosa, succedeu-se uma aclamação perturbante. As senhoras velhas abaixavam a cabeça numa grande aprovação; fui muito abraçado; o morgado celebrou-me como «digno de

Vem agora o ponto em que se turva o rio claro e brando, onde eu ia vogando com Rosina. Vão ver o que é o amor, e como êle transforma as criaturas.

Meu tio Chantre, que o céu tenha em sua eterna glória, apenas me havia deixado para umas magras sopas, como vos contei; mas tinha fama de clérigo rico e amealhador, que havia acogulado bons alqueires de peças. O pai de Rosina vira em mim um bom partido para a filha — o que são as coisas deste mundo! E dado às Musas, não lhe desagradava também o pobre citaredo que eu era, sabendo-me, como sabia, de costela doirada. Era ouro sobre azul. Conhecendo as brasas que tanto Rosina como eu mal ocultávamos (onde houve aí amorosos, que embora escondessem as chamas do peito, evitassem o fumo?) o magistrado, em seguida à reunião que vos contei, informou-se, esmerilhou, mexericou, (o que é proprio de juizes), e veio a averiguar que os tais alqueires de dobrões de meu tio Chantre eram as pedras preciosas das *Mil e uma noites*. Eu tinha para as berças! Foi uma nuvem negra, que empanou os besantes do meu brasão e os loiros do meu estro — e que de repente me roubou o largo céu cheio de estrelas, em que tam amorosamente me embalava. *Sic transit gloria mundi!* As minhas asas não eram de cera, como as de Icaro; eram de grandes e pungitivas penas, mas que a ambição também queimava como o sol. Rosina escrevia-me chorosa e a furto, contando-me que o pai falava num convento, que andava soturno, já mal dormia a sesta, e nem provava dos ovos em fio, que ela, com mãos tam lindas, solertemente cozinhava. Bem védes; se o doce edénico, que levantara um morto, não desempedrava o coração paterno, estavam de feito contadas tôdas as ilusões da minha efêmera ventura! E os dias passavam vagarosos, a rolar tristezas e enfados. Revoltar-me? Furtar Rosina? Mas já ma fechavam a sete chaves, e os seus bilhetes eram furtivos e raros como as estrelas daquele escuro Inverno. Foi nestes apertos, nesta ansiedade, com o coração ardente e os olhos turvos, que eu bem senti os queixumes e as mágoas de Ovídio... Desterrado também eu era de toda a felicidade, que por desgraça lobrigava ainda como Tântalo, cheio de fome, cheio de sede de amor!

Mas uma tarde bateram-me á porta dois velhos amigos, antigos



Elmano»; secundado pelo crúzio, João Bernardo ribombou um «*Sic itur ad astra*», que me enterneceu até ao âmago, — e a sardinha de doce foi-me oferecida pela pequenina mão de Rosina, entre um chilreio de vozes frescas, em que a dela era a mais comovida e mais linda. Ah! como eu senti — posso jurar-vos-lo — inebriantes vertigens de glória! A coroa de ouro, que deram no Capitólio ao poeta de Arezzo, que valia, comparada a êsse prémio que Rosina me dava? Tam certo é que o amor tudo transfigura, e que uma flor pode valer mais que um astro, e que por um sorriso ou por um beijo nos perdemos ou salvamos na vida. Querem acreditar, e já passaram tantos anos, que ainda ás vezes sinto na bôcca êsse sabor divino, e que só então soube que para provar a ambrosia dos velhos deuses é preciso ter amado?

condiscipulos de Retórica, que queriam falar comigo em segredo. (Há sucessos na vida bem misteriosos e semelhantes a ficções!) Ides ouvir o que me disseram:

— Conflamos em ti, Venâncio, por isso te procuramos! Queres ser rico?!

Uma luz bruxuleou no mais fundo da minha consciência, e foi aumentando e crestando a minha alma inteira. Quasi sem dar por isso, eu não pensava em outra coisa. Ser rico era casar com Rosina. Fiquei atordado. Esboguei os olhos, depois esfreguei-os com força. Não seria aquilo um sonho, ou artes do demónio?

Preguntei-lhes o que queriam dizer na sua, passados uns segundos, bastante desconfiado, como são os namorados em colisão aguda. Eles

começaram então a cochichar-me um plano, logo que lhes jurei guardar segredo. — Eu era muito parecido com o Anacleto, o velho Anacleto, que não sabia quanto tinha de seu...

— Mas que diabo tinha eu que vêr com o Anacleto? — retorqui, mal humorado.

— Tem muito, ciciaram-me. O velho não durará uma semana. E como tu te pareces extraordinariamente com ele...

— Querem que eu reclame a herança, como filho natural do ricoço?

— Não, não, de modo nenhum. Nada disso, nada disso!

Notei que a negativa era feita com energia, como quem afasta alguma coisa fatal, como quem quer fugir dum teto pesado, que pode desabar. E, posto que o meu génio não fosse irritável, eu começava a aze-

eu tinha de decorar e ditar — e apontou-me a verba que me haviam destinado...

Fez-se então clara luz no meu espírito. O caso era dum carnavalesco verdadeiro e funebre. Na minha consciência erguia-se um protesto, que ia quasi rebentar numa objurgatória. Um disse-me ao ouvido:

— Ficamos todos ricos, e evitamos ao Estado que desbarate em eleições vergonhosas o dinheiro do Anacleto. É um preceito fundamental de caridade, e um acto de moralidade social e urgente. Combinado, Venâncio?

Não sabia eu o que responder. Ponham-se no meu lugar. Travava-se dentro em mim uma luta tremenda. Ficámos todos três num silêncio de cripta.



dar-me, cada vez mais desconfiado. Ergui-me, encolhi os ombros sacudidamente.

— Ouve, Venâncio! Queres ou não ser rico?!

Tive um estremeção nervoso. Era decerto uma partida de Entrudo, que vinha perto (isto passava-se em Janeiro), e os birbantes, conhecedores por qualquer forma da minha situação amorosa, vinham jogar comigo. Ia jogar-lhes uma interjeição nada balsâmica; mas contive-me, sorri-me até com simulada bonomia; e, sentando-me outra vez, respondi:

— Desembuchem p'ra aí todo o aranzel.

Um deles foi à porta averiguar que ninguém escutasse. E voltando:

— Tu tens de te caracterizar de Anacleto. Coisa pouca... Tudo se arranja, Venâncio. Vais num carro fechado... Talvez amanhã; o tempo urge...

Era partida de Entrudo, não havia que ver, cogitava eu comigo. E mentalmente deliberava, se metessem Rosina na balha, pôr-lhes a cara num bôlo.

Com uma afabilidade quasi dolorosa, respondi:

— E depois?

— Caracterizas-te aqui mesmo; é o melhor. Quem vive contigo?

— Uma criada velha, que já era de meu tio Chantre, a Leonarda — continuei com aparente tranquilidade, mas a ver já a cara dos burlões inchada e vermelha como uma lua cheia das canículas.

— Bom, mandas sair para longe a Leonarda. Todo o sigilo é pouco. Olha lá! Confiamos em ti, Venâncio!

— E depois? tornei eu, medindo-lhes bem o rosto, onde a minha mão havia de escrever a moralidade da fábula.

— Depois, já calculas... Logo que o Anacleto esteja nas últimas, tu vais fazer de Anacleto... Irá um tabelião, *in articulo mortis*... Temos tudo preparado, Venâncio! As testemunhas custam rios de dinheiro. E tu hás-de ditar o testamento, que já aqui trazemos...

Um arrancou misteriosamente do bolso a nota testamentária, que,

De súbito lembrei-me de Rosina. O seu fresco e lindo rosto apareceu entre as brumas da minha alma a espreitar e a sorrir... Vi todo o nosso amor, como se ressurgisse duma tumba que se cobrisse de rosas com abelhas de ouro. De novo conheci que o amor, em sendo ardente, tem o poder do inferno. Mulheres — *arma diabolii*!

Numa expectativa ansiosa, os dois olhavam-me. Sempre Rosina sorria na minha alma... Como nos velhos pactos, ergui-me erecto, estendi-lhes a mão fria: — Pois sim!

Toda essa noite foi para mim de tormento e deleite. Da torre próxima, horas calam pesadas e lúgubres, horas rolavam luminosas e amorosas... Só muito tarde adormeci de cansaço. Se sonhei?

Mal peguei no sono, o velho Anacleto apareceu-me curvado, trôpego, a arrastar os chinelos, com uma bengala para me esborrachar; mas logo Rosina surgiu, a voar, como se descesse dos céus, vestida de musselina rósea e tão subtil, que as formas se lhe entreviam. Atirou-me do ar uma corda de seda, a que me agarrei — e desatou a voar comigo pelos espaços fora. Trazia uma longas asas de arcanjo, que batiam lentamente no ar cheio de lua, como duas grandes velas. E assim fomos cortando o azul, até que repousámos, como os deuses, numa doce, frouxa nuvem. As estrelas tinham uma scintilação mágica: eram dobrões, peças, moedas muito vivas, de cunho novo. Um tinham a effigie do diabo, outras o lindo rosto dum anjo. Que lindo, meu amor! dizia Rosina. E eu beijava-a, embalados em perfume e doçura. Soltos, os seus cabelos eram um longo manto de ouro, vago como a Via-Láctea. A sua musselina ficara transparente como o luar.

Em baixo, na terra avara e sórdida, enxergávamos o magistrado, de casaca azul, a dar palmas, depois a erguer um braço, num gesto de recitação eloquente; aos nossos ouvidos chegavam os versos sonoros dum epitalâmio. Dum púlpito enorme, o tio João Bernardo gritava, trovejava: — *Juvenes! Sic itur ad astra!* A sua rija voz fazia estremecer a nossa nuvem, ondular de leve, como num suspiro, a musselina leve... Eu mostrava-lhes

o testamento do Anacleto, que depois lhes arremessei, e que deu no magistrado como uma pedrada; e Rosina, como sonhando e sorrindo, desfolhava entre os astros uma grinalda de flores...

Lembro-me claramente, se me lembro! da noite pavorosa em que me atafafaram no leito de torcidos do velho Anacleto — que pouco antes tinha expirado noutra alcova da casa. Por nada cederia no mundo a essa farça sinistra senão por amor de Rosina. Por nada, acreditem! Não me arrastariam riquezas que não fossem para ela, nem a glória de César, nem a lira de Homero. As mulheres voltam a face do mundo!

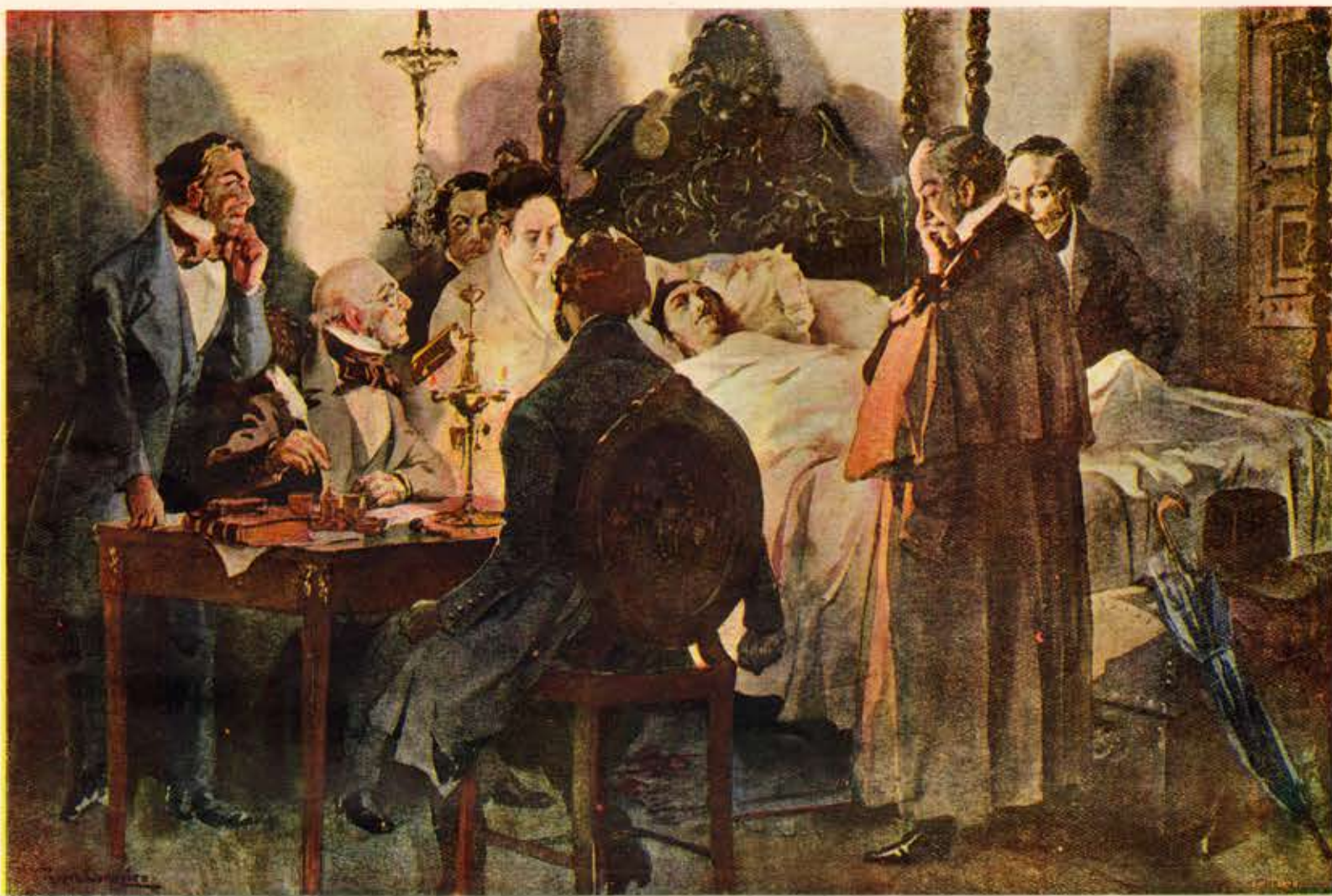
Vejo ainda, como se fosse hoje, a quadra estreita que cheirava a bafo; a luz amarelenta do candieiro de azeite, a mesa onde o tabelião, cuidando-me Anacleto, ia escrevendo com uns vagares de inquisidor. Lembro-me das testemunhas formalizadas, solenes, — fazendo-me um pouco de som-

o rosto dela! Eu devia ter febre. E eis-me outra vez reanimado, enfeitado, a espalhar oiro às mãos cheias. O momento solene foi quando eu dilei o que deixava a mim próprio, antes de haver enriquecido os meus dois amigos. Seria uma acção má? Sempre a destriça confusa do Bem e do Mal! Eu conto, eu conto... Presenteei-me com o dóbro do que os meus bemfeitores me arbitravam. A graça que tem hoje para mim, ao rabiscar estas notas, esse lance dramático! O ar atônito das testemunhas! Depois um relampaguear dos olhos, como gumes! E as palavras plangentes que eu lhes gemit, num parêntese, ainda com a dor da breca na perna: — Tudo merece, amigos, tudo merece; é o meu presente de noivado!...

E era! Foi ainda Rosina que me levou aquilo. Queria-a rica deveras, já que era tam amorosa, tam cariciosa, e tam linda. As mulheres! As mulheres!...

Escuso de dizer-lhes que o meu casamento se realizou nesse mesmo ano em que fiz de Anacleto. Logo que enriqueci, fui convidado para casa do desembargador. E como ele me tratava! Lla-me as suas odes, que coxeavam um pouco — como ele, coitado, para o fim da vida.

Em companhia do Crúzio e de João Bernardo, declamava-me os «Burros», e, em confidência, desancava os *malhados* com bordada de cego;



bra... Tinha eu uma carapuça de seda preta melida até às orelhas; as fontes latejavam-me; os pés e as mãos gelavam-me; a cama era pior que o leito de Procusta. Arrastadamente, em voz ténue de moribundo, e gosmenta de comoção e terror, eu ia ditando disposições e legados. A luz espirrava... O tabelião, com a pinça, espevitava-a devagar. Tudo era horrendamente vagaroso. De novo eu ia distribuindo a herança farta e generosa. O coração pulava-me, doía-me, eu tinha vertigens. Ouviam-se ratazanas no fôrro. Um pégão de vento sacudiu as janelas, empurrou a porta, e eu tive pânico; cuidei que seria o Anacleto, apenas desmaiado, que viesse desfazer aquella farça a pontapés. Mais palidas, as testemunhas olhavam de esguelha a porta... Confesso-lhes que, num momento, me senti perdido — sem forças, sem coragem, com medo. Uma breca numa perna fez-me encolher todo, torcer, gemer, e eu sentia que me engasgava. O tabelião passou a mão na calva, e ingenuamente me recomendou sossego, enquanto espevitava o morrão da torcida. As testemunhas pigarreavam. As sombras oscilavam como grandes aves negras.

De súbito, a luz mais viva, na calva austera do tabelião fulgiram os cabelos crespos de Rosina, e o rosto dele, engelhado e cansado, pareceu-me

mas entre as togas e em público era acatado o seu alvedrio em defesa da Carta e da sr.^a D. Maria da Glória... Até que morreu duma indigestão de «papos de anjo», dois anos depois da mulher.

Do meu casamento com Rosina não vieram filhos. Eu envievei no dia das nossas bodas de prata. E que felizes que fomos!

A minha fortuna vou eu ha muito espalhando por desgraçados e famintos; e quando, mais tarde, ao ressoar a trombeta do Juízo Final, me encontrar face a face com o velho Anacleto, tenho esperança de que ele me há-de perdoar. Cuido eu que o usurário, que nunca amou de-veras, só na Morte é que viu que o amor cega os homens, e que as mulheres muito podem com seus filtros de magia; talvez que aprendesse na Morte a julgar e a pesar o que na vida fazemos; talvez ele hoje saiba, com segura certeza, o que nós mal sabemos: o que seja e o que valha aquilo a que chamamos na terra a nossa virtude ou o nosso erro...

Julio Brandão.

